



Correio Manhã

15-11-2017

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 174177

Temática: Diversos

Dimensão: 1111 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/12

LAVAGEM DE DINHEIRO P.12
Rede com cúmplice
no Banco de Portugal

LISBOA



Banco de Portugal deu sempre grande apoio à investigação da PJ e acabou por despedir o subchefe do departamento de supervisão

Tráfico com cúmplice no Banco de Portugal

CORROMPIDO ♦ Subchefe de serviço do regulador recebeu 19 750 euros da rede de branqueamento que lavou, em Lisboa, 150 milhões de euros da droga **ESQUEMA** ♦ Vendeu informação privilegiada

SÉRGIO A. VITORINO

Carlos Nunes estava numa posição privilegiada no Banco de Portugal. Subchefe no Serviço de Registos e Expediente, do Departamento de Supervisão Prudencial, tinha acesso a informação confidencial que depois transmitia a José Martins, chefe da rede internacional que branqueou 150 milhões de euros do tráfico de droga através de Lisboa. Deixou-se corromper a troco de 19 750 €. É um dos 20 condenados no esquema, tendo apanhado 2 anos e 6 meses de prisão, suspensos. Segundo deu como provado o Tribunal de Lisboa, no acórdão a que o **CM** teve acesso, Carlos

Nunes deu informações sobre o licenciamento da Transflex, uma das empresas de transferência de divisas. A outra era a Money One, que a rede usou no branqueamento. Foi ainda dada a José Martins informação sobre a queixa e ação inspetiva contra a empresa Fox Transfers, que acabou encerrada por fraude no envio de remessas para o Brasil. O subchefe de serviço do Banco de Portugal teve, entre 4 de julho de 2011 e 25 de setembro de 2012, contactos pessoais, telefónicos e trocou mensagens de email com José Martins. Logo na primeira, apanhada pela investigação da Unidade Nacional de Combate à Corrup-

PORMENORES

Agradece em email oficial

A 21 de dezembro de 2011, novo pedido de 1250 €, que Carlos Nunes agradeceu através do email oficial do Banco de Portugal com um "boas-festas".

"Mais um pouco"

Em março de 2012 pediu que "se for possível este mês mais um pouco dava-me jeito". No mês seguinte entregou "lista de verificação" do processo Transflex.

Adiantado e férias

Em maio de 2012 pediu adiantados "2500 litros de combustível" com urgência e umas férias de 1795 €. E em junho uma "pequena oferta" para novas férias.

ção da PJ, Nunes pedia a Martins "5 litros de combustível [5 mil euros] para uma situação de emergência". Em setembro de 2011, Nunes informou Martins que entregara a "matéria-prima aos nossos amigos, que ficaram bastante satisfeitos". Pediu em troca "um bidão de 1000 litros de combustível [mil euros]. Se lhe parecer bem, esta seria a quantidade mensal a acordar". Em novembro desse ano, o funcionário do BP pediu ao empresário 5 mil € para pagar uma dívida fiscal. Como tardou a resposta, ameaçou: pedia ajuda de forma a "não ter problemas profissionais que podem comprometer a minha capacidade de ajudar quem precise". ♦

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL



Usava as contas dos dois filhos para receber os subornos

♦ O subchefe recebia os subornos nas contas dos filhos. Ele entrou no regulador como segurança, foi contínuo e motorista. Fez um curso pago pelo banco e em 2000 já era subchefe. Quando foi corrompido recebia 2300 €/mês. Em 2012 foi alvo de auditoria interna e transferido de serviço. Foi despedido e está desempregado desde janeiro de 2016, com 943 €/mês de subsídio. Segundo fonte policial, o Banco de Portugal deu sempre grande apoio à investigação a esta rede criminoso. ♦



Money One era parte do esquema

Prejudicou emprego da companheira em empresa rival da rede

♦ Carlos Nunes chegou a prejudicar o emprego da companheira, funcionária da Fox Transfers - que viria a ser fechada pelo Banco de Portugal após queixa da Money One -, "para ficar do seu lado e ajudá-lo", disse por mensagem a José Martins. Lembrou-o de que "me garantiu que se a B. perdesse o emprego, o senhor moral de me ajudar no momento em que preciso". ♦



Condenados em Lisboa